



BALDIO 2

A
Diamante
explosivos

SUMÁRIO



• **Editorial**

Concepção: Ricardo Salmito
Foto: Caio César
Arte: Rogê Venâncio

• **Meu (querido) diário (público-privado) da UFCA**

Texto: Ricardo Salmito
Arte: Karol Luan

• **Dizeres Polifônicos**

Marcelo Eduardo Leite

• **Lagoa Seca e Lagoa Cheia**

Concepção: Ricardo Salmito
Fotos: Caio César
Arte: Rogê Venâncio

• **Uma Arte, Uma Política**

Texto: Fábio Azevedo
Arte: Rogê Venâncio e Caio César

• **Bate-pronto com Guto Bitú**

Trecho de entrevista ao Programa Artes Híbridas

Arte: Rogê Venâncio

• **Ventania da Corrupção**

Manoel Inácio

• **Sem Título**

Autor: Ricardo Salmito
Arte: Rogê Venâncio

• **Capa e Contra-cap**

Fotos: Caio César
Arte: Rogê Venâncio



Juazeiro do Norte,
Junho de 2016





Meu (querido) diário (público-privado) da UFCA

Segunda-feira, auditório

A Reitora pediu redistribuição, mas não apareceu para dizer a causa, não apareceu para falar mais nada. Nada a dizer. Escreveu uma nota. Nota zero.

Terça-feira, corredor do segundo bloco

De forma silenciosa, sem delinear debate público mínimo, surgiu a pauta da extinção da Pró-Reitoria de Cultura. Entendo que ter uma Pró-Reitoria com esse fim não é algo automático ou sem conflito. Beleza. Para qualquer setor, e a qualquer tempo, é legítimo rever sua atuação e se apropriar com dignidade das críticas. Mas para se propor o fim (do começo) de uma experiência de institucionalização da cultura na universidade, seria necessária mais potência de argumentos que o singelo incômodo nele mesmo. Futilidade de linguagem. Tenho sempre receio de gente que conclui que a indústria cultural transnacional e/ou paroquiana pode resolver nosso consumo, nossa formação e nossa reflexão permanentes no campo cultural...

Quarta-feira, sala G 105

O cheiro forte de urina sentido no corredor do quarto bloco da UFCA proveniente do banheiro masculino é terrível. Faz-se necessário lembrar aos seus frequentadores que existem descargas em perfeito estado (inclusive nos mictórios). Diferente do caos de funcionamento dos sanitários dos outros blocos, cheios de entupimentos, quebras e vedações. Mijar dentro do vaso sanitário é política no cotidiano!

P. S.: Para as disfunções severas na próstata, que favorecem o destino do mijo para o chão ou paredes: consultar o urologista.

Quinta-feira, cantina

Há a necessidade de delicadeza para a vida. Não que sejamos bonzinhos, amiguinhos e felizes. Somos violentos, frágeis e contraditórios mesmo! Entretanto, deveria ser possível, antes e acima de tudo, alguma brecha insistente para operar a fricção sensual dos corpos. No mínimo: a fricção amorosa dos olhos em visão dos corpos. É urgente um percurso baldio de experiência! O provisório sem a mácula da incomunicação. A resistência está na atenção às pequenas coisas e no usufruto, sem linearidade, do domínio dos fragmentos...

Sexta-feira, bar da Corrinha

O rendimento máximo do mundo se dá no papo que acontece durante o esvaziamento da primeira cerveja.

Sábado, praça Siqueira Campos, centro do Crato

O fim da política acompanha o fim da arte que acompanha o fim da expectativa entre arte e política. Fazer arte só é possível em tensão permanente da palavra, da tradição e do jogo transitório que remexa a pureza dos artistas e das obras. Não há arte sem reviravolta.

Domingo, apartamento 106B

Silêncio e indeterminação. Apenas leitura. A leitura em descompromisso com o destino: compromisso com a literatura.

Para a próxima semana,

Ler todos os dias.



Havana, Cuba, 2010 - Marcelo Eduardo Leite



UMA ARTE, UMA POLITICA...

Uma arte? Alisar a contrapelo. Uma política? A dos pensamentos que assaltam, em noites baldias. Uma arte? A custa dos detalhes, das entrelinhas imaginadas. Uma política? As condições em que o ato. Uma arte? Por sua vez; túnel casulo, ou trem fantasma.

No golpe? Nenhum futurismo. Nenhuma esperança. Uma arte? Lugar fronteira do imaginamento, buracos na tirania do tempo. Uma política? A inconsciência luminosa dos detalhes.

Da varanda ensejo o homem do aipim. Seu carrinho de mão, sua alpercata de borracha. Parado, engarrafado na manhã de sábado. É o estranho familiar do bairro. Parado e seu carrinho, na volta da pracinha arborizada. Os aipins apinhados, descascados no detalhe, ressaíndo da vitrine de latão e ferro. Revira o palito na boca. Bigodinho na navalha, rodapé de não sei quê.

Uma política? As plantas na varanda, a horta no caixote d'alho. Uma arte? Areia da praia, o horizonte reto a infinito. Outra arte, a natureza; o inconsciente do bardo.

O senhor do aipim e seu carrim. Ressaltam aos olhos dentro do carro. O horizonte entrecortado. Fez buraco, um rasgo, uma covinha. Um infinito ao lado do lábio.

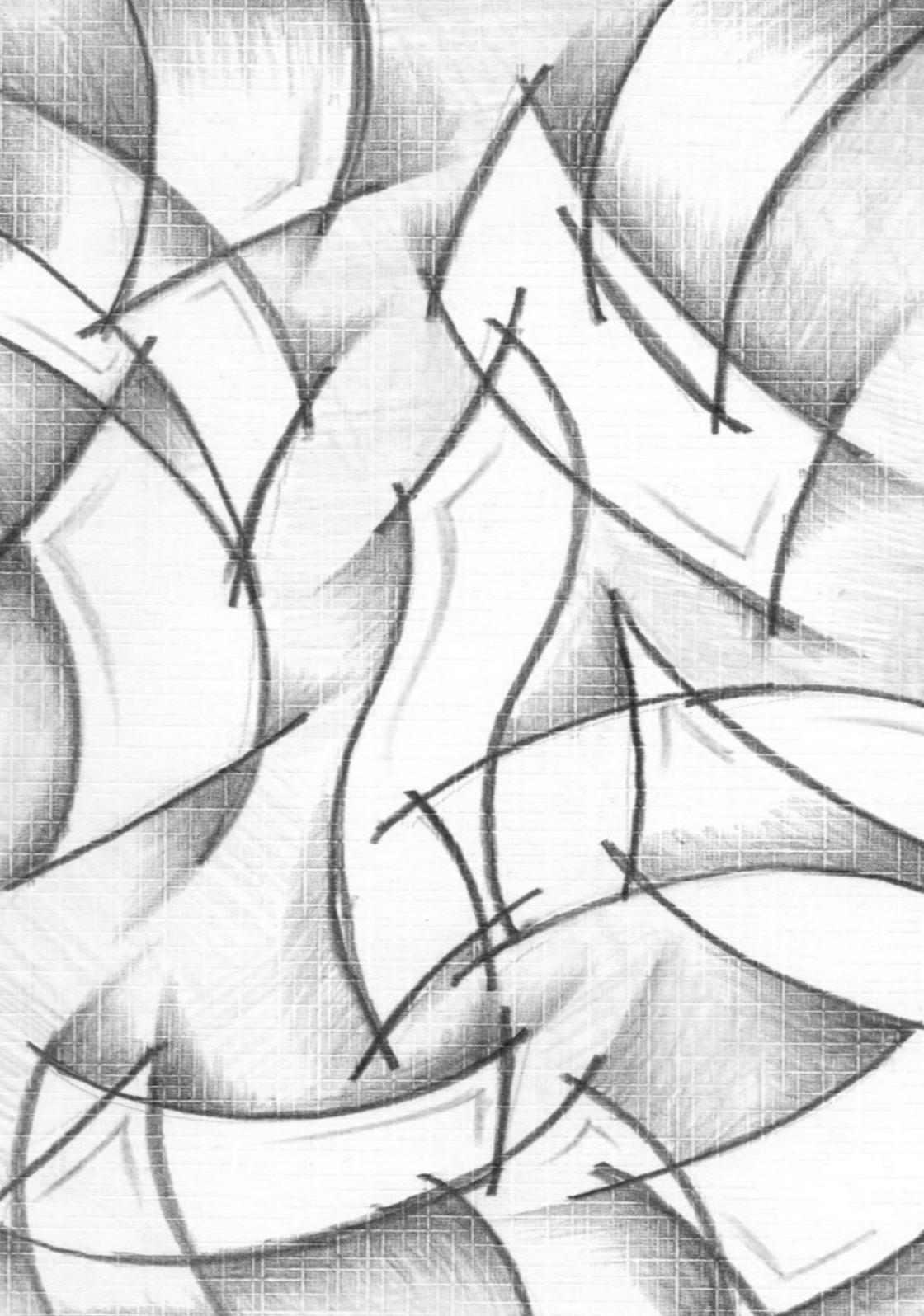
fábio giorgio azevedo / 2016, maio e chuvas

BATE-PRONTO COM GUTO BITÚ

Queria que você falasse um pouco da cena do Cariri. Como é que tu vês? O campo da arte, os coletivos, os artistas? O que tu tens achado?

- A cena daqui é complicada. Complicada por conta de uma questão, que é a questão dos editais. Porque quando tu provoca um edital, tu divide. Os artistas vão ficar brigando por migalhas.... Lá em Fortaleza está todo mundo intrigado com todo mundo por conta de uma porcaria de mil reais de edital. E quando tu não tem essa questão os artistas se unem, porque assim... O lance é se unir mesmo. Porque quando eu tenho uma técnica e tu se encontra comigo, gosta da minha técnica. E tu tem uma técnica também e eu gosto da tua técnica, nós somos artistas e vamos conversar arte, trocar ideias na arte, tu sai com duas técnicas e eu saio com duas. Então é só o ganho para artista se esquecer dessa coisa de edital. Agora, quando os artistas começam a concorrer entre si, ele vai ter que sobreviver. Isso é óbvio e quando ele vai ter que sobreviver ele vai ter que brigar com os outros, vai ter que ser mercado! Ai o que está acontecendo: os artistas não estão trocando suas convivências, não estão formando grupos reais...

Guto Bitú, poeta e artista visual



T u d o s s i m
sem fim

de tarde

:já é noite



PROCULT
Pró-Reitoria de Cultura

